



**ESTÁDIOS** Campos reservas localizados a menos de 500m de cada arena estão prontos para substituir os originais

# Grama extra de sobreaviso

MARCOS PAULO LIMA  
Enviado especial

**D**oha — A Fifa está pronta para trocar gramados na Copa do Mundo, tem um plano de emergência elaborado para isso, mas dificilmente o colocará em ação sem a comprovada necessidade. Pressionada pelo Brasil a dar explicações sobre o piso do Estádio 974 na vitória por 1 x 0 contra a Suíça, a entidade máxima do futebol previu o desgaste dos campos em uma versão atípica do torneio. São 64 jogos em 29 dias em oito estádios em um raio de 50km no deserto do Oriente Médio. No entanto, esse não é o principal problema.

O **Correio** conversou com duas fontes que participaram do processo de preparação dos gramados para a Copa do Catar. Ambos são unânimes em apontar as arquiteturas inovadoras das arenas como inimigas da conservação do campo. Os projetos de engenharia preveem coberturas cada vez mais fechadas. Consequentemente, menos sombra, falta de iluminação natural e limitação para compensar o déficit com luz artificial.

Alertados sobre o problema com base nas edições disputadas no Brasil e na Rússia, a Fifa e o Catar decidiram instalar pelo menos dois gramados reservas a menos de 500m de cada arena da Copa. É possível visualizá-los, principalmente, em imagens aéreas. Alguns, como Al Thumama, contam com 11 estepes para casos de emergência na competição.

Uma das fontes com a qual a reportagem conversou explica que a "turf farm" é um gramado da mesma espécie de todos os outros (*Paspalum platinum*), construído à imagem e semelhança dos campos disponíveis nos estádios. Basta transportá-los para dentro do campo e substituí-los se necessário. A percepção do interlocutor é de

Divulgação



Gramado reserva do Al Janoub, em Al-Wakrah, recebendo cuidados: arenas do Catar têm esquema especial de campos alternativos. Pisos serão acionados em caso de desgaste elevado

**"O gramado (do Estádio 974) não está no mesmo nível do Lusail e nem do campo do nosso Centro de Treinamento (Grand Hamad). Se formos jogar lá nas oitavas, achamos que estará mais danificado. Não sei o que é possível fazer, mas algo tem que ser feito"**

Juninho Paulista, coordenador da Seleção Brasileira

que a Fifa dificilmente trocará o carpete durante o torneio. No entanto, a pressão por qualidade deve aumentar.

A reportagem apurou que cada um dos oito gramados da Copa do Mundo do Qatar custou US\$ 4 milhões (R\$ 20,8 milhões).

No total, R\$ 166,4 milhões. O investimento nos campos reservas localizados a menos de 1km das arenas custaram US\$ 1 milhão (R\$ 5,2 milhões).

## Responsáveis

Duas empresas foram responsáveis pela construção dos campos. A brasileira Greenleaf assumiu o Al-Bayt, palco da abertura, além do Al Thumama, Ahmad Bin Ali, Al Janoub e Education City. A britânica SIS, com sede na Irlanda do Norte, prestou serviços para o Estádio 974, o Khalifa International Stadium e o Lusail Stadium, palco da finalíssima.

As maiores preocupações são

com as arenas da firma irlandesa. Menos por culpa da empresa e mais devido à sequência insana de jogos. Questionado pelo Brasil, o Estádio 974 tem na agenda sete jogos em 14 dias, média de um jogo a cada dois dias. A arena receberá o duelo da Seleção nas oitavas de final contra o segundo colocado do Grupo H.

Anfitriões da final e da decisão do terceiro lugar, o Lusail Stadium e o International Khalifa são os mais propensos a receber troca de gramado. Cenário da final, o Lusail tem 10 jogos marcados. Um exagero na comparação com os principais palcos dos últimos dois mundiais. Em 2014, o Maracanã abrigou sete partidas. Há quatro

anos e meio, o Luzhnik, em Moscou, tolerou a mesma quantidade de partidas. O Lusail receberá três a mais. Na versão passada, o gramado do Luzhnik teve três dias de folga para respirar. Aqui no Catar, o maior período de repouso do Lusail será de quatro dias antes das oitavas de final.

O Khalifa International Stadium começa a preocupar. A qualidade do gramado passou a ser questionada depois de o palco receber cinco jogos em nove dias. O último deles entre Equador e Senegal. Alguns jogadores e comissões técnicas torceram o nariz para o piso. Curiosamente, essa é a primeira Copa com proibição de treino no local da partida.

## Era Tite é marcada por críticas

Última a desembarcar no Qatar, o Brasil foi o primeiro a reclamar do gramado. Na terça-feira, o coordenador Juninho Paulista manifestou publicamente descontentamento com o campo do Estádio 974. "O gramado (do Estádio 974) não está no mesmo nível do Lusail e nem do campo do nosso Centro de Treinamento (Grand Hamad). Se formos jogar lá nas oitavas, achamos que estará mais danificado. Não sei o que é possível fazer, mas algo tem que ser feito", afirmou o braço direito de Tite.

As críticas começaram depois da vitória contra a Suíça. O atacante Richarlison foi o primeiro a observar. "O gramado está um pouquinho ralo. Não sei se ainda voltamos a jogar aqui, espero que a condição do gramado melhore. Mas se não melhorar, estará ruim para

os dois lados", ponderou. "Fica ruim, estamos acostumados só com tapetes lá na Europa, chega aqui o gramado está faltando grama, está ralo. Dificulta a bola correr mais rápido, mas é se acostumar com as dificuldades", encerrou o camisa 9.

O zagueiro e capitão Thiago Silva também se manifestou sobre a situação do gramado. "Não estava bom, tinha algumas falhas. Escutei falar em trocar o gramado, mas é difícil, tem mais dois jogos aqui", disse, referindo-se à conclusão da fase de grupos da Copa.

Tite é um dos técnicos mais exigentes em relação ao gramado. Não poupou sequer o Brasil nas edições de 2019 e de 2021 da Copa América. Criticou veementemente o campo da Arena do Grêmio antes das quartas de final contra o Paraguai. Irritado,

chegou a ir ao estádio na véspera do mata-mata para checar-lo pessoalmente. No ano passado, detonou o piso do Estádio Nilton Santos, o Engenhão, na Copa América.

Em 2019, o técnico do Brasil criticou até o gramado do Los Angeles Memorial Coliseum depois de uma derrota para o Peru. "O gramado influencia no desempenho, não pode acontecer. Corre risco de lesão. Não pode ter campo nessas condições. Vai ter escanteio, vai ter contato com adversário e vai parar na arquibancada", reclamou.

Argentina e Polônia duelaram ontem no Estádio 974. No entanto, nenhum jogador das duas seleções, principalmente os melhores do mundo Lionel Messi e Lewandowski, se manifestaram sobre as condições do gramado do estádio de contêiner.

Nelson Almeida/AFP



Técnico reclamou do gramado do Estádio 974 e comparou com o do CT

## Números

Distribuição dos 64 jogos em 29 dias

10	Lusail Stadium
9	Al-Bayt Stadium
8	Khalifa International Stadium
8	Al Thumama
8	Education City Stadium
7	Ahmad Bin Ali Stadium
7	Stadium 974
7	Al Janoub

## DRIBLE DE CORPO NA COPA

Por Marcos Paulo Lima



## Costa Rica abre e fecha ciclo alemão

O projeto alemão de dominar o mundo do futebol começa em 2006, em uma vitória por 4 x 2 contra a Costa Rica, na Allianz Arena, casa do Bayern de Munique, na abertura da Copa do Mundo disputada em casa, e termina justamente contra a Costa Rica em um inócuo triunfo pelo mesmo placar na edição de 2022,

no Catar. A coincidência é muito simbólica.

Em 2006, nascia a geração do tetra germânico. Promessas como Schweinsteiger, Podolski e Lahm acumulavam milhas para liderar o caminho da quarta estrela. A eles se juntaram na África do Sul, em 2010, joias como Tomás Müller e o excelente goleiro Manuel Neuer — os

últimos representantes de uma ideia de futebol concebida pela Federação Alemã, cujo prazo de validade se anunciava cada vez mais próximo do fim.

Depois da glória em 2014, a Alemanha caiu nas semifinais da Euro-2016 contra a anfitriã França. Penou para ganhar a Copa das Confederações em 2017 contra um Chile que não era mais

de Jorge Sampaoli. Antonio Pizzi havia assumido. A ressaca invadiu a Copa de 2018. Culminou com a queda na fase de grupos em uma derrota para a Coreia do Sul. Joachim Löw resistia. Insistia em prorrogar o fim do ciclo.

Veio a recém-criada Nations League, um torneio europeu separado por divisões, e com ela o vexame de um rebaixamento. No melhor estilo CBF das antigas, a Uefa mexeu os pauzinhos. Mudou o regulamento e resgatou a Alemanha das profundezas de

um inferno astral sem fim.

Aquela Alemanha que havia imposto ao Brasil a maior humilhação no 7 x 1 de 8 de julho de 2014, agora apanhava por 6 x 0 da Espanha, em 2020. Sofria para passar de fase na Euro-2020 e amargava nas oitavas de final diante da Inglaterra, um rival contra quem sempre se impunha. Era o fim da Era Löw.

Paralelamente, a conquista do Bayern de Munique na Champions League de 2020 sob a batuta de Hansi Flick, ex-auxiliar

de Löw na campanha do tetra, indicava o caminho da continuidade de um projeto vencedor. A goleada do Bayern por 8 x 2 contra o Barcelona de Messi e o título em cima do PSG de Neymar e Mbappé iludiu. A Alemanha se orgulha de ter sido comandada por apenas 11 técnicos diferentes na centenária história, mas é hora de virar a página. Recomçar do zero sem Hansi Flick. O próximo desafio é em casa — a Euro-2024 — e não vai tolerar um novo vexame.